

Reflexões sobre três pesquisas e o uso de fontes em história da educação matemática

Flávia dos Santos Soares⁵⁴⁹

RESUMO

Este texto tem a intenção de tecer comentários acerca dos seguintes trabalhos apresentados em sessão coordenada durante o II ENAPHEM: *Análise histórica comparativa do relato de uma professora alagoana sobre sua formação docente e o ensino de matemática no primário durante o século XX*, de autoria de Miriam Correia da Silva e Mercedes Carvalho (aqui indicado por T1); *A Contribuição de Achille Bassi como Gestor da Matemática no Brasil*, de autoria de Aline Leme da Silva e Plínio Zornoff Táboas (aqui indicado por T2); *Dom Ireneu Penna: intelectual, monge, professor e educador matemático*, de autoria de Bruno Alves Dassie e Letícia Maria Ferreira da Costa (aqui indicado por T3).

Introdução

“o feitiço pode estar em toda parte, havendo apenas alguns lugares mais perigosos que outros (GOMES, 1998, p.126)”.

Em minhas pesquisas recentes tenho me debruçado em estudos sobre o ensino de Matemática no século XIX. Dessa forma, tentei nesse texto, a partir da leitura dos três trabalhos analisados, buscar e reconhecer alguns elementos familiares e, por outro lado, identificar e conhecer outros, estranhos à prática que venho desenvolvendo.

As pesquisas com recorte temporal no século XX tem a vantagem, por sua proximidade com o presente, de oferecer vestígios mais “frescos” da história. Entretanto, semelhante aos que se dedicam a tratar de episódios mais remotos da história da educação no Brasil, o processo e as dificuldades em localizar, identificar e tratar o material que pode ser ou não utilizado como fonte da pesquisa é semelhante em muitos aspectos.

⁵⁴⁹ Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. flasoares.uff@gmail.com

Em texto publicado por nós há alguns anos (SOARES, 2006) fizemos menção ao uso de fontes na pesquisa em história da Educação Matemática que, para este texto, nos parece relevante retomar. Na ocasião, ao tratar do Movimento da Matemática Moderna e do uso do jornal como fonte histórica, fizemos menção ao fato que recentes discussões da historiografia mostram que o trabalho do historiador e as ferramentas utilizadas para escrever a história vêm sofrendo diversas influências que proporcionaram a ampliação de conceitos e a admissão de novos instrumentos e de abordagens para a pesquisa histórica que se aplicam também a pesquisa a história da Educação Matemática. Dessa forma,

torna-se, portanto, necessário que se recorra a fontes diversas: arquivos pessoais, cadernos de alunos, livros didáticos, diários de professores, arquivos escolares, as revistas pedagógicas, etc. Esses e outros materiais permitem, além da compreensão da história e das práticas escolares, a possibilidade de outras abordagens metodológicas, contribuindo, assim, também para o fortalecimento do campo de pesquisa (SOARES, 2006, p. 68).

Ainda no mesmo texto, mencionamos o fato de que recolher esses elementos e ter acesso às fontes para a pesquisa não é sempre fácil e “em muitos momentos o trabalho do historiador é semelhante à de um detetive ou a de um jornalista investigativo, sem, contudo, se limitar a isso” (SOARES, 2006, p. 68).

Os textos apresentados nesta seção nos proporcionam observar o uso das diferentes fontes históricas para a pesquisa em história da Educação Matemática. Dessa forma passamos a fazer algumas considerações sobre os textos, destacando suas contribuições para a história da Educação Matemática e mais especialmente, a relevância das fontes utilizadas pelos autores das pesquisas em questão.

Textos e Fontes de pesquisa

O primeiro texto *Análise histórica comparativa do relato de uma professora alagoana sobre sua formação docente e o ensino de matemática no primário durante o século XX* (T1), se propõe a realizar um comparativo entre as mudanças metodológicas de ensino que ocorreram durante a formação docente de uma professora alagoana do ensino primário, comparando o caso a outras situações históricas. O relato apresentado está inserido em uma pesquisa de maior espectro denominada “Memórias das

Professoras do Primário sobre o Ensino de Aritmética em Alagoas nas Décadas de 40 a 80 do Século XX”.

Em seus relatos como aluna nas primeiras décadas do século XX, a professora vivenciou o uso de práticas “sem sentido”, reflexo da educação precária vivenciada na época em Alagoas:

No que tange a educação no início do século XX, embora reformas educacionais tenham sido implementadas no estado de Alagoas, a situação da educação primária era lastimável, com um número elevado de pessoas analfabetas (BRITO&MARTINS, 2010, p. 2).

Por outro lado, na década de 1960 após a realização do Curso Normal em Maceió, mudou sua postura em relação aos métodos de ensino passando a utilizar materiais manipulativos, quadros numéricos e fichas, deixando de lado as práticas em que foi acostumada quando criança.

A pesquisa realizada se mostra interessante ao fazer emergir das memórias da trajetória escolar e profissional de uma professora primária momentos de aula e de ensino em que a mesma presenciou diferentes metodologias de ensino da Matemática.

Cabe destacar o uso da história oral como opção metodológica para o estudo:

A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da História” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado (ALBERTI, 2005, p. 155).

É pertinente mencionar a constatação das autoras no que diz respeito à dificuldade de localização de materiais e registros escritos sobre o ensino de matemática nas primeiras décadas do século XX, o que contribuiu também para que as autoras optassem pela história oral. Outras dificuldades também são constatadas por Alberti (2005), quando menciona o fato de que pesquisa que emprega a metodologia da história oral é dispendiosa desde o preparo da entrevista, o contato com o entrevistado, a gravação, transcrição, revisão e análise do depoimento, além do tempo gasto.

Acreditamos que no texto apresentado houve pouco detalhamento das práticas vivenciadas pela professora entrevistada. Entendendo que a mudança de prática após um curso de capacitação de qualquer tipo é esperada e desejada, são necessários mais elementos para a realização da análise histórica comparativa proposta como objetivo do texto. Apesar das lacunas, o texto proporciona brechas para outros estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Uma dessas lacunas diz respeito a mais detalhes sobre o curso Normal frequentado pela professora entrevistada. Em que iniciativas para a formação docente se enquadra a fundação e o funcionamento das Escolas Normais em Alagoas? Qual a origem dos cursos normais no estado e do curso mencionado pela professora? Como se constituía o currículo da Escola Normal na época em que a professora estudou? A resposta a essas e outras perguntas e o cruzamento e consulta a outras fontes por certo elucidarão com mais propriedade as práticas vivenciadas pela professora. Em acréscimo, a comparação com outras Escolas Normais de outros estados do Brasil possibilitaria, com mais eficiência, a realização de outras pesquisas que enriqueceriam a proposta das autoras do trabalho.

O segundo texto apreciado destaca *A Contribuição de Achille Bassi como Gestor da Matemática no Brasil* (T2). Os autores têm como objetivo identificar o matemático italiano Achille Bassi (1907-1973) como figura de notável contribuição ao desenvolvimento da Matemática no Brasil. Para tal análise, o destaque do texto está na atuação de Achille Bassi como gestor/empreendedor acadêmico do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC/USP). Concluiu-se que o mesmo foi um personagem múltiplo que contribuiu não somente para o desenvolvimento da Matemática no Brasil como disciplina, mas também como área de pesquisa.

Para a realização da pesquisa utilizou-se como fonte de referência, livros escritos e publicados pelo próprio matemático, artigos científicos, entrevistas, memorandos, relatórios, entre outros documentos e, especialmente, cartas escritas e enviadas por Achille Bassi. Todas essas fontes mostraram-se como peças importantes para a compreensão da trajetória acadêmica do matemático e de sua atuação junto a EESC.

Em especial quanto ao uso das cartas, o texto retrata diferentes situações nas quais o pesquisador teve a possibilidade de “selecionar momentos significativos, as conexões que dão coerência à vida de uma pessoa e, assim, construir uma continuidade de atos que são descontínuos, justapostos, imprevistos e aleatórios” (MALATIAN, 2013, p. 201).

Isso é percebido em T2 no caso do memorando enviado em 1956 a Leopoldo Nachbin em que se pode perceber a importância dada por Bassi à visita de pesquisadores de grandes Universidades à São Carlos; mais tarde em 1969 ao contatar

Francisco Antonio Lacaz Netto sobre a possibilidade de estrangeiros contratados permanecerem no Brasil sem se naturalizar antecipadamente e sem a necessidade de serem concursados; ou ainda em 1970 em carta enviada aos estudantes como resposta a reclamação sobre a quantidade de aulas.

Esses e outros episódios ajudam na análise feita pelos autores que os levam a concluir que, devido a sua habilidade política, Achille Bassi:

contribuiu para a efetivação de um espaço de pesquisa e ensino de Matemática no Brasil não somente por seus estudos na área, mas por proporcionar a ampliação desse espaço no decorrer de sua trajetória e, principalmente, durante o período que esteve na direção do Departamento de Matemática e posterior Instituto de Matemática da USP de São Carlos (T2, p.9)

Dessa forma,

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva (MALATIAN, 2013, p. 200).

Vale notar que, mesmo que no texto o destaque seja para as funções de gestor de Achille Bassi, suas medidas tinham o propósito de “melhorar a educação brasileira e colocá-la na mesma posição dos grandes centros de ensino e pesquisa internacionais” (T2, p.5).

Já o texto *Dom Ireneu Penna: intelectual, monge, professor e educador matemático* (T3) tem como principal objetivo apresentar a trajetória de Dom Ireneu Penna que, no Brasil, foi responsável pela reformulação do ensino de matemática no Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, no final da década de 1960, a partir das propostas de Georges Papy.

Apesar da grande quantidade de trabalhos que tratam do Movimento da Matemática Moderna (MMM), pouco se estudou ainda sobre o uso das obras de Papy no ensino e, por isso, o trabalho apresentado nesta seção se destaca por dar visibilidade a esta experiência. Para tal estudo, como afirmam os autores, não se trata de apresentar apenas traços da biografia de Dom Ireneu, mas se torna indispensável analisar seu

personagem principal para a compreensão da reforma empreendida por ele no Colégio de São Bento.

Assim, o escopo do texto não se detém no estudo do MMM em especial, mas, da mesma forma que em T2, pretende-se analisar o mentor da iniciativa, Dom Ireneu Penna como “intelectual, monge, professor e educador matemático” (T3, p.1).

Entre as principais fontes utilizadas no trabalho está o arquivo pessoal de Dom Ireneu. Para o estudo em foco o uso do arquivo pessoal é uma fonte privilegiada para pesquisa:

por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma «verdadeira»: aí ele se mostraria «de fato», o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes (GOMES, 1998, p.125)

Tanto em T2 como em T3, os autores recorreram a arquivos pessoais como fonte de pesquisa. Assim, como bem lembra Rouso (1996)

a dificuldade consiste então em distinguir as fontes - os vestígios - umas das outras, a fim de determinar aquelas que permitem uma abordagem racional do passado. Isso implica uma escolha das fontes mais pertinentes, não por elas mesmas, mas em função das perguntas que o observador se faz previamente (p. 86).

A guisa de conclusão

Quando comecei a estudar sobre a história do ensino de Matemática em meu curso de mestrado, semelhante a outros pesquisadores iniciantes, tinha curiosidade em descobrir quem eram aquelas pessoas que eu encontrava ao longo do caminho e de que forma elas estavam inseridas na paisagem que eu tentava reconstruir. Da mesma forma que Gomes (1998) também me sinto atraída (e talvez também viciada) em arquivos privados, documentos pessoais (além de outros tipos de documentos que tenho tido mais contato, como a legislação do ensino). Assim como a autora, uma das coisas que me

instigam é o fato de que “os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos (GOMES, 1998, p.126)”.

Nos trabalhos analisados neste texto, por certo o contado dos pesquisadores com as fontes foi bastante intenso, quer com o contato pessoal das autoras com a professora em T1, quer com o contato dos demais autores com Achille Bassi e Ireneu Penna, por meio de seus arquivos. O cuidado, entretanto, é de “romper a inevitável relação afetiva que se estabelece entre o historiador e seu material” (PROCHASSON, 1998, p.112), o que não é desejável, mas muitas vezes é fatal, sem deixar de ser, de certa forma, prazeroso.

Os casos ilustrados em T2 e T3 nos fazem lembrar também que, na maioria das vezes, os documentos dos arquivos pessoais não são provenientes de uma operação consciente com o objetivo de ser considerado como fonte histórica para gerações futuras, ainda que seja consciente, por vezes, “a vontade de deixar rastros de sua passagem” (ROUSSO, 1996, p.87). Nessa categoria podemos considerar, talvez, parte do material deixado por Dom Ireneu, como os livros traduzidos por ele e os jornais existentes com matérias com sua opinião sobre o ensino em tempos de Matemática Moderna.

Já no caso do testemunho colhido em T1, a intenção das autoras foi criar “uma fonte singular [...] destinada desde o início seja a formar um arquivo, no sentido de conservar” (ROUSSO, 1996, p.87).

Nos três casos, as fontes estão a serviço dos pesquisadores que se encontram no papel de historiadores e são eles que têm a tarefa de recontextualizar o documento ou o depoimento. Este processo é “por definição uma operação seletiva, que depende do que foi efetivamente conservado, depende da sua capacidade pessoal e se inscreve num contexto particular” (ROUSSO, 1996, p.90).

Apesar disso, acho que ainda nos vale ao menos desejar que essas fontes e a pesquisa histórica possam também ainda “enfeitiçar” as futuras gerações.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BRITO, Leide Daiane de Melo; MARTINS, Maria Izabella Brasil Almeida. Revisitando a memória escolar de Alagoas dos anos 30 e 40 do século XX. ENCONTRO DE

PESQUISA EM ALAGOAS, V, 2010, Maceió. **Anais...** Maceió: PPGE/ UFAL, 2010. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/anais/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p.121-127. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069/1208>>. Acesso em 18 out. 2014.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo, SP: Contexto, 2013, p. 195-221.

PROCHASSON, Christophe. "Atenção: Verdade!: arquivos privados e renovação das práticas historiográficas". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.105-119, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2064/1203>>. Acesso em 18 out. 2014.

ROUSSO, H. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.85-91, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019/1158>>. Acesso em 18 out. 2014.

SOARES, Flávia. Fontes para a história da educação matemática: imprensa e a matemática moderna. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.18, p.65-77, maio./ago. 2006.